

**Olhares sobre a Geologia,  
a Arqueologia e a História,  
de Vila Nova, de Miranda  
do Corvo e da Serra da Lousã**

2012



**Olhares sobre a Geologia, a Arqueologia e a História,  
de Vila Nova, de Miranda do Corvo e da Serra da Lousã**

**Editor**

Junta de Freguesia de Vila Nova  
[www.freguesiadevilanova.eu](http://www.freguesiadevilanova.eu)

**Coordenador**

EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia  
[emerita@sapo.pt](mailto:emerita@sapo.pt)

**Autores**

Alexandre Lima  
André Pereira  
António Ventura  
Dulce Dias  
Emanuel Carvalho  
Francisco Henriques  
João Carlos Caninas  
José Brilha  
José Manuel dos Reis Godinho  
Lídia Fernandes  
Manuel Vieira  
Mário Monteiro  
Patrícia Lima  
Pedro P. Cunha  
Raquel Vilaça

**Capa**

Vista do Penedinho Branco a partir do Parque Eólico de Vila Nova II

(fotografia de Mário Monteiro)

**Design e paginação**

Pedro Vasconcelos

**Impressão**

ONDAGRAFE Artes Gráficas, Lda

**Tiragem**

500 exemplares

**ISBN: 978-989-20-3283-2**

# **Olhares sobre a Geologia, a Arqueologia e a História, de Vila Nova, de Miranda do Corvo e da Serra da Lousã**

Junta de Freguesia de Vila Nova  
Conselho Directivo dos Baldios de Vila Nova  
EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia  
2012

# Arqueologia do Bronze no Centro - Sul da Beira Litoral e Alta Estremadura (II-I milénios a.C.)

Raquel Vilaça<sup>1</sup>

## Resumo

Partindo dos dados empíricos disponíveis para a Idade do Bronze, concretamente das materialidades metálicas (bronze e ouro), a autora percorre os territórios dos concelhos de Condeixa-a-Nova, Penela, Lousã, Ansião e Alvaiázere. O olhar é integrador no duplo sentido de que atende aos lugares de vida e de morte, mas também àqueles que foram memorizados pela “simples” deposição de artefactos. Muitos correspondem a lugares naturais, como grutas, penedias, fendas de rochas, nascentes, margens de rios, encruzilhadas, de referência física e simbólica para as comunidades do Passado e, por conseguinte, com significado social. Entre outras constatações devidamente discutidas, atende-se à importância milenar da designada “Estrada Coimbrã”, cujos itinerários principais, seja pela “depressão marginal”, seja pelas serras calcárias de Ansião e de Alvaiázere, integram múltiplos testemunhos com mais de 3000 anos. Por outro lado, expressam, conjuntamente, a importância da região nas estratégias das trocas de média e longa distância na Idade do Bronze, particularmente no seu final.

**Palavras-chave:** Idade do Bronze; depósitos metálicos; “estrada coimbrã”.

## Abstract

Recurring to the available Bronze Age empirical data, specifically of metallic material evidences (bronze and gold), the author covers the landscapes of Condeixa-a-Nova, Penela, Lousã and Alvaiázere municipalities. It follows an integrated look of such realities, in the double sense that it regards the places of life and death, but also those set in memory by “simple” artifact depositions. Many of these sites are natural, such as caves, cliffs, rock crevices, springs, riverbanks or crossroads, thus providing physical and symbolic references to Past communities, and therefore, engaging in social meaning. Amongst several aspects discussed, some attention is given to the millenary importance of the

“Estrada Coimbrã” (the pathway to Coimbra); whose main itineraries proceed through either the geographic “marginal depression”, or the calcareous hills of Ansião and Alvaiázere, integrating multiple testimonies with more than 3000 years. All together, they reveal this region’s importance in medium to long distance exchange strategies in the Bronze Age, particularly at its end.

**Key-words:** Bronze Age; metallic deposits; “Estrada Coimbrã”

## 1. O espaço e o tempo

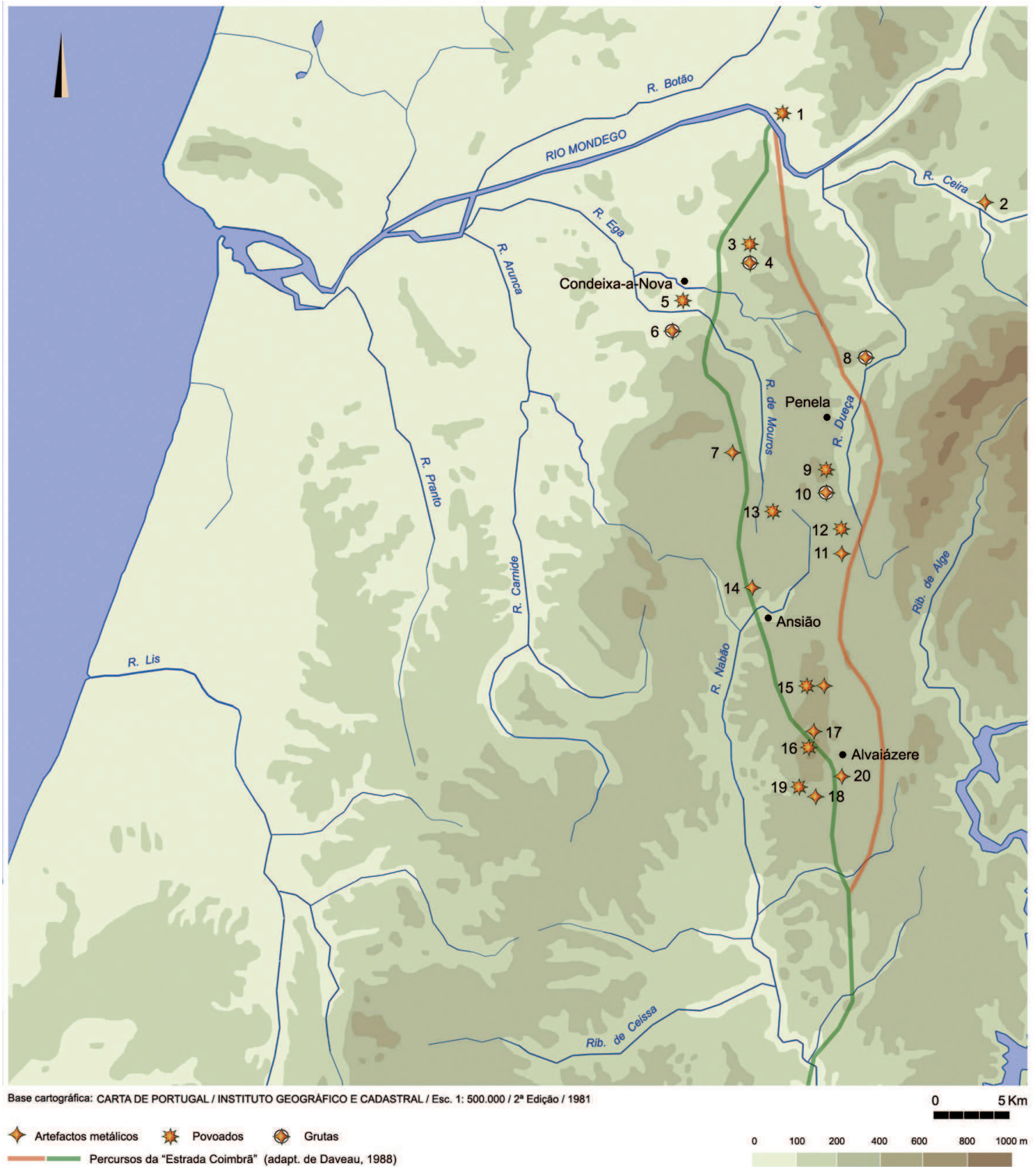
A área sobre a qual incide este texto<sup>2</sup> corresponde a parte do Centro e Sul da Beira Litoral e limite Norte da Estremadura, integrando os territórios hoje ocupados, total ou parcialmente, pelos concelhos de Condeixa-a-Nova, Penela, Lousã, Ansião e Alvaiázere.

Não obstante a sua limitada largura, aquelas regiões apresentam um significativo contraste entre a área costeira mais aplanada e o interior montanhoso (Figura 1). Tal realidade reflecte o contacto que aí ocorre entre duas distintas unidades morfoestruturais: a chamada Orla Sedimentar Mesocenozóica e o rebordo ocidental do Maciço Antigo Ibérico. Na primeira predomina uma topografia aplanada litoral apenas entrecortada, quando se avança para o interior, por pequenas colinas e alguns relevos calcários significativos, que podem ultrapassar os 500 m de altitude, como são os casos das serras de Rabaçal, de Sicó, de Alvaiázere, com seus planaltos, depressões e vales. Na segunda, a orografia dos relevos do Maciço Antigo é muito mais expressiva, com altitudes que ultrapassam frequentemente os 1000 m.

A delimitação que fazemos é meramente operacional, sem qualquer significado cultural. Tomamos como fronteira setentrional o Mondego, cuja orientação E-W o conduz às baixas planícies aluviais, após sair do Maciço Antigo por vales

<sup>1</sup> Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. CEACUP / FCT. E-mail: rvilaca@fl.uc.pt

<sup>2</sup> Corresponde, em parte, à comunicação oral que apresentámos no Colóquio “Olhares sobre a História, a Arqueologia e a Geologia de Vila Nova e da Serra da Lousã”. Por motivos vários, entendemos restringir, aqui, a área geográfica de análise, procurando, igualmente, elaborar um texto acessível tendo presente o público-alvo deste livro. Cabe-nos ainda agradecer o convite para participarmos no referido colóquio e felicitar os organizadores, bem como a iniciativa do Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Vila Nova em promover a edição das respectivas actas.



1. Coimbra 2. Barca 3. Alto do Castelo 4. Covão d'Almeida 5. Conimbriga 6. Gruta de Medronhal 7. Vale Centeio 8. Lapa do Moirão 9. Castro de Tombadouro  
 10. Gruta da Nascente do Algarinho 11. Vendas das Figueiras 12. Castelo do Sobral 13. Monte Figueiró 14. Anaca 15. Serra do Castelo (Serra dos Carrascos ?)  
 16. Castro de Alvaiázere 17. Marzueira 18. Penedos Altos 19. Castelo de Sobral Chão 20. Carrasqueiras

Figura 1. Carta de distribuição dos achados e principais estações referidas no texto e sua correlação com os percursos da "Estrada Coimbrã" (adapt. de Daveau, 1988).

relativamente apertados. Importa sublinhar que no período em análise, o seu estuário seria bem mais largo e profundo do que na actualidade, facilitando o acesso ao interior. A oriente define-se uma fronteira natural que acompanha os contrafortes montanhosos e gargantas profundas onde se destaca a serra da Lousã. E entre estes relevos, xistosos, e os maciços calcários que ficam a poente, acima mencionados, configuram-se longos corredores naturais estruturados pelos vales dos três principais rios — o Ega/dos Mouros/Carálio Seco, o Corvo/Dueça e o Nabão —, mas também outros divergentes e tortuosos, pelas serranias calcárias.

Percorridos desde tempos imemoriais, passando pelos Romanos (Alarcão, 1999:101-127) e consagrados depois, a partir do séc. XII, na que se tornaria a “Estrada Coimbrã”, com seus diversos itinerários (Daveau, 1988), será aí que centraremos a nossa atenção (entre Coimbra e Alvaiázere), tentando demonstrar, à luz do que a Arqueologia tem revelado, mas também do que é conjecturável, a importância desta região nos II e I milénios a.C.

Partimos da análise dos mais expressivos artefactos metálicos conhecidos, de bronze e de ouro, tentando, simultaneamente, recuperar as possíveis significâncias que os envolveram, seja na forma e função, seja no modo como foram concebidos e socialmente manipulados. Mas não nos limitamos a eles. A sua articulação possível com os sítios habitados e outros que serviram de guarida aos mortos permitirá lançar hipóteses talvez um dia passíveis de confirmação (ou infirmação).

Naquele longo período ocorreram profundas transformações em termos sociais, políticos, tecnológicos, económicos. Por ele perpassam as últimas etapas da Pré-história, depois a fase que designamos Proto-história, para se chegar, nos dois últimos séculos do I milénio a.C. à integração da região no Império Romano.

Fase marcante de viragem foi, sem dúvida, a da transição do II para o I milénio a.C., portanto, há cerca de 3000 anos, a que se convencionou chamar Bronze Final. Entre as múltiplas transformações que se operaram, merecem especial registo as de

âmbito social e económico decorrentes, quer do desenvolvimento da metalurgia do bronze e do ouro, quer da intensificação dos contactos entre regiões distintas. Emergem e afirmam-se, então, pequenos núcleos de poder em que o metal — o seu controlo, o seu fabrico, a sua ostentação — é estratégico. As populações, já plenamente sedentarizadas, parecem ter tido particular apreço por sítios de altura e com boa visibilidade para se instalarem. Mas é admissível a existência de outros lugares mais discretos na paisagem igualmente habitados, embora se desconheçam de momento na região. O controlo do espaço envolvente e direccionado para vias naturais de passagem seria primordial e continuaria a sê-lo durante largos séculos.

Pouco depois, por volta do séc. VIII a.C. a região que nos ocupa toma contacto, indirectamente, com populações de origem mediterrânea, concretamente com os Fenícios, que se instalam ou frequentam a pequena colina calcária de Santa Olaia (Figueira da Foz), em pleno antigo estuário do Mondego, onde instalaram um porto. As ligações, antes privilegiadas com o mundo atlântico, tornam-se, então, muito mais estreitas com o Mediterrâneo.

## 2. O poder do metal

Como referimos, na Idade do Bronze, o metal — bronze, mas igualmente ouro —, adquire importância maior, constituindo-se elemento estruturante nas dinâmicas sociais. O seu poder emana das suas quatro características básicas: é acumulável, é perene, é reciclável e é transportável.

É sabido que artefactos de bronze e de ouro foram manipulados das mais diversas formas e nos mais variados contextos, ora expressando comportamentos lógicos, ora uma desconcertante irracionalidade aos nossos olhos e que pode traduzir-se em atitudes como fabricar para destruir ou descartar o que ainda tem préstimo. Veremos adiante o que se passou a este respeito com os achados da região.

Durante o período em análise a metalurgia do bronze pautou-se por três características fundamentais: intensificação da produção, com o aumento em termos quantitativos e qualitativos dos artefactos; especialização dos mesmos, com notável diversidade

funcional; padronização que alguns conhecem e que resulta, nomeadamente, da generalização do uso de moldes (argila, pedra e bronze) permitindo fabricos em série. A estes factores subjaz uma divisão social do trabalho, configurando-se dois ciclos distintos, o agro-pecuário e o mineiro-metalúrgico.

Também a crescente importância do bronze traz a si associada uma cada vez maior interacção entre regiões distintas, desde logo por uma questão de natureza prática. Sendo o bronze uma liga de cobre e estanho (incluindo por vezes também o chumbo), e sendo raras as regiões onde se encontram simultaneamente minérios de cobre e de estanho, as comunidades tinham de promover permutas e de procurar os recursos onde esses existissem. Verificasse, portanto, o incremento de trocas cruzadas inter e trans-regionais de média e larga escala (peninsular, atlântica e mediterrânea), com um crescendo de mobilidade e de aproximação entre regiões distintas. Em certa medida, um primeiro passo na “globalização”.

Neste cenário, a região que nos ocupa poderia ser, à partida, marginal, uma vez que não encontramos aqui nem os principais recursos necessários de cobre, nem os de estanho. Porém, não parece ter sido assim. Entre o mar e a serra, o primeiro que conduzia a regiões ricas mais longínquas, e a segunda que permitia chegar aos minérios das terras interiores mais próximas (Beiras Alta e Baixa), franquearam-se corredores, desde logo pelo Mondego, por onde os mesmos circulariam, minérios mas igualmente artefactos metálicos. Decerto também o sal, de cuja exploração não existem evidências. E quanto ao ouro, o metal mais nobre, integrava-se nesse mesmo processo, desde logo porque a sua exploração, sendo de natureza essencialmente aluvionar no período pré-romano, podia ocorrer em zonas coincidentes com a recolha de estanho de aluvião. Sabe-se que bem mais perto, em rios e ribeiros como o Zêzere ou o Ceira, poderia ser recolhido.

Perto (ou relativamente perto) de recursos cobiçados e em zona de passagem bem posicionada, não é, assim, surpreendente que nas terras a sul do Mondego, de portas abertas para a Estremadura, um dos mais dinâmicos pólos de então em termos de produções (de bronze) próprias, imitações, importações e exportações — o que lhe mereceu o

epíteto de “Grupo Lusitaniano” (Coffyn, 1985: 267) —, se reúnam alguns testemunhos metálicos que passaremos a analisar.

Antes, porém, importa dizer ainda que não os podemos tomar como espelho do povoamento da região de há c. 3000 anos.

Primeiro porque o metal não pode ser entendido como representativo das actividades e acções das comunidades, mesmo que muito importante. A sua aparente supremacia advém da sua perenidade. Na sombra, irremediavelmente perdidos, ficaram testemunhos fundamentais relacionados, por exemplo, com actividades de carpintaria, cestaria, tecelagem, curtumes, etc.

Depois porque, efectivamente, na sua esmagadora maioria, aqueles achados foram obtidos de forma casuística, viciando qualquer panorama cultural que se pretenda traçar. Acresce também que os seus contextos de uso e de deposição são muito mal conhecidos, ou mesmo desconhecidos, circunstância que lhes diminui, e muito, a potencial qualidade informativa que ofereceriam caso tivessem sido encontrados em contexto de escavação. Ainda assim, é verdade que, pontualmente, não deixou de ser registada alguma informação sugestiva, como também veremos.

Significa isto que esta região, para que seja minimamente conhecido e verosímil o seu quadro de povoamento, exige e aguarda a concretização de projectos de investigação, envolvendo prospecções e escavações. O caso da mamoa do Penedinho Branco (Vila Nova) (Caninas *et al.*, neste volume) constitui um bom prenúncio, recente, para um futuro desejável.

### **3. Sítios, materiais, circunstâncias de achado, recuperação possível dos contextos arqueológicos e suas significâncias**

#### **3.1. Concelho de Condeixa-a-Nova**

Como se sabe, a importância da arqueologia neste concelho afirmou-se, nacional e internacionalmente, com as escavações desenvolvidas na cidade romana de Conimbriga, muito em particular com o desempenho das equipas luso-francesas coordenadas

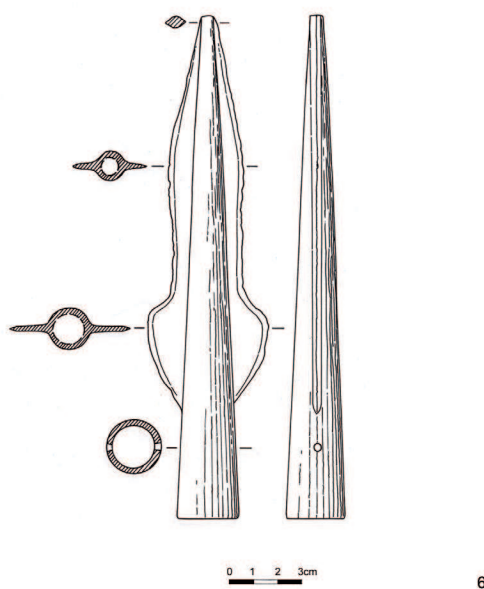
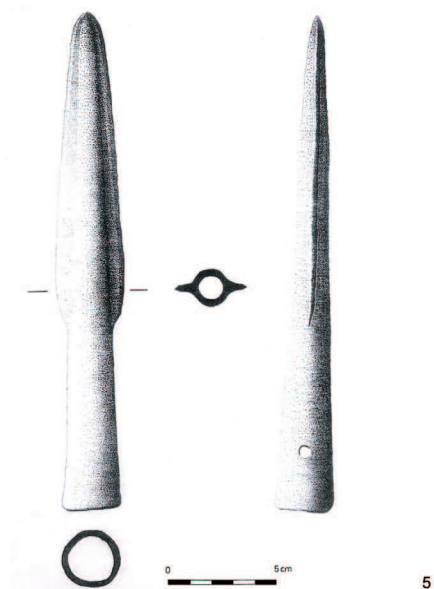


Figura 2a, 2b, 2c. "Tranchet" do Alto do Castelo (Eira Pedrinha).  
 Figura 3. Foice de Conimbriga.  
 Figura 4. Castro de Tombadouro (Penela), em último plano.  
 Figura 5. Ponta de lança da Gruta do Algarinho (Penela).  
 Figura 6. Ponta de lança de Vendas das Figueiras (Penela).



por Jorge de Alarcão e Robert Étienne.

Mas nos finais da Idade do Bronze-inícios da Idade do Ferro, e mesmo antes, atendendo a alguns fragmentos cerâmicos que atestam ocupação calcolítica, do III milénio a.C., encontrados na zona do designado "bico" da muralha (Arruda, 1988-89: 94), bem assim como o machado plano de cobre quase sempre esquecido mas conhecido de há muito (Veiga, 1891: 155-156), o planalto de Conimbriga era já habitado. Prova disso são diversos materiais cerâmicos e de bronze (Correia, 1993), nomeadamente pequena foice de tipo designado "Rocanes" (Coffyn, 1978) (Figura 3).

É certo que esta foice, tendo sido recolhida em níveis revolvidos da zona das termas de Trajano, levou Coffyn (1978: 367) a considerá-la relíquia de época anterior, ou seja com valência social e hereditária, testemunhando manipulação de objectos do Passado por parte das comunidades romanas. Contudo, tendo em conta a existência dos demais materiais, parece-nos que também poderá ser valorizada conjuntamente com a cerâmica como comprovativo de efectiva ocupação do sítio no Bronze Final.

Trata-se do mesmo tipo que encontramos nas seis foices do depósito de bronzes atribuído a Coles de Samuel (Soure), constituído ainda por um escopro, um machado de talão unifacial de um anel, quatro machados de alvado de duplo anel e seis braceletes (Pereira, 1971). A produção deste tipo de foices, aliás como a dos machados, ilustra bem o fabrico em série característico da época a que antes fizemos referência.

Dessa época não se conservaram, porém, quaisquer estruturas, designadamente habitacionais, decerto correspondentes a cabanas de planta circular ou oval construídas em terra, barro e materiais vegetais. As ocupações seguintes da Idade do Ferro e época

romana tê-las-ão destruído. O sítio de Conimbriga corresponderia então a um núcleo habitacional cuja dimensão se ignora. Mas sabe-se que os seus habitantes manipulavam o bronze, talvez mesmo o produzissem. Já então deveria ser importante povoado de altura dominando visualmente o território, quer para poente, quer para sul. Dele talvez dependessem outros sítios de menor dimensão ou de distinta vocação.

Independentemente da sua natureza, que desconhecemos, a interacção entre comunidades vizinhas não se limitaria à mobilidade de pessoas e bens. Uma outra forma possível de integração poderá ter recorrido a troca de informação através de sinais de fumo alimentados por pequenas estruturas de combustão, como as que se conhecem em outros sítios coevos do território português.

Imaginamos que desta forma poderão ter sido estabelecidos contactos entre Conimbriga e o Castelo ou Alto do Castelo, em Eira Pedrinha, pequeno outeiro aplanado, com 107 m de altitude, que se ergue sobre tufos calcários e arenitos dominando fértil várzea envolvente.

Embora breve referência à sua potencialidade arqueológica fosse já conhecida (Gaspar, 1983: 189)<sup>3</sup>, foi o achado casual, em Março do corrente ano, de um fragmento de "tranchet"<sup>4</sup> (Fig. 2a, 2b, 2c), que não só confirmou o real interesse arqueológico do sítio, como determinou a cronologia da sua ocupação na transição do II para o I milénio a.C., ou seja, Bronze Final.

A peça<sup>5</sup> corresponde a fragmento de lâmina com bordos rectos e gume irregular (corrosão, uso?), ligeiramente dissimétrico. Na zona fracturada observa-se alvéolo elíptico característicos deste tipo de "tranchets". As suas dimensões e peso são: comp. - 3,6 cm; larg. máx. - 3cm; larg. mín. - 2,7 cm; esp. - 0,4 cm.; peso - 12 g (Leal e Pires, 2011). Foi também

<sup>3</sup>"Tem partes pedregosas. Devia ter sido um castro, pois a elevação prestar-se-ia a uma boa defesa. No sopé do monte passa um ribeiro marginado por terrenos muito férteis, bem tratados e rendosos".

<sup>4</sup>Palavra francesa para utensílio que se crê ter sido utilizado no corte de sólidos flexíveis, como cabedal, peles, etc. O achado deve-se a Rita Leal e Carlos Pires, alunos do mestrado de Arqueologia e Território da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no decurso de trabalho de seminário da unidade curricular "Espaços e Sociedades" de que somos responsáveis. Posteriormente, na visita conjunta que fizemos foram ainda recolhidos alguns fragmentos de cerâmica manual lisa. Da ocorrência dos achados foi dada informação (30/3/2011) ao IGESPAR (Pombal) que originou a criação, em Abril do corrente ano, da ficha de sítio na Base de Dados de Arqueologia - Endovélico (CNS: 32872). Aqui é referida visita pelos responsáveis daquele organismo em 2008 com o achado de "cerâmica calcítica atribuível à Idade do Ferro". Na ficha não foi incluída a nossa informação, que também atribui diferente cronologia ao sítio. O trabalho realizado no âmbito do seminário foi apresentado publicamente sob a forma de "poster" nas II Jornadas de Pré e Proto-história da FLUC (Coimbra, 15/4/2011), encontrando-se a peça à guarda do Instituto de Arqueologia da FLUC.

<sup>5</sup>A peça foi sujeita a limpeza mecânico-manual e tratamento no laboratório do Museu Monográfico de Conimbriga. Agradecemos ao seu Director, Doutor Virgílio H. Correia, a disponibilidade.

possível determinar a sua composição metálica através da realização de análise elementar por Fluorescência de Raios-X de energia dispersiva<sup>6</sup>, que revelou liga binária com valores (Cu 79,3%; Sn 20,5%; Pb 0,14%) perfeitamente enquadráveis no que se conhece sobre a composição de outros “tranchets” (Vilaça, 2009: 70-71), bem como da generalidade da metalurgia do bronze do Centro do território português datável do Bronze Final, onde são frequentes valores elevados de estanho.

Este achado, perfeitamente inesperado, junta-se às duas dezenas de “tranchets” de idêntica tipologia recentemente estudados, os quais configuram área de distribuição no Centro-Sul do Ocidente Peninsular, com particular incidência na Beira Interior e área de Cáceres-Badajoz (Vilaça, 2009). A peça do Alto do Castelo constitui-se como um dos achados mais ocidentais e, conseqüentemente, atlânticos. Por outro lado, revela, juntamente com os demais materiais metálicos analisados neste texto, a plena inserção desta região da Beira Litoral nas redes de produção, manipulação e circulação do bronze que articulavam as dinâmicas regiões vizinhas da Estremadura, Beira Interior e Beira Alta com o mundo atlântico, na mudança do milénio. Todavia, trata-se apenas de um “sinal”, ou seja, permanecem na obscuridade as comunidades que o manipularam e que só escavações poderão ajudar a vislumbrar.

Futuramente, um estudo mais aprofundado sobre as dinâmicas da ocupação do espaço durante o Bronze Final da actual área do concelho de Condeixa-a-Nova não poderá deixar de se questionar sobre as relações (de igualdade? de subordinação?) do Alto do Castelo com Conimbriga. Pela implantação e área útil talvez aquele não passasse de estratégica atalaia de controlo do território e dos férteis terrenos vizinhos. O bronze, claro, como é tom da época, mesmo em pequenos sítios, sempre presente.

A cerca de 800 m para NW situam-se os conhecidos abrigos de Eira Pedrinha, com ocupação pré-histórica de distintas fases, importando particularmente o do

Covão d’Almeida. Se é certo que a sua notoriedade advém da utilização do abrigo como necrópole durante o III milénio a.C. (Corrêa e Teixeira, 1949), também é verdade que voltou a ser frequentado em inícios do I a.C., talvez com fins igualmente funerários (ou habitacionais?), no período que aqui tratamos (Vilaça, 1988: 19). É evidente que seria importantíssimo poder confirmar qual daquelas hipóteses será correcta, mas o suporte empírico é insuficiente.

A identificação de material cerâmico do Bronze Final no Covão d’Almeida é feita por Marques e Andrade (1974: 139), mas também nós, em sondagem realizada em finais da década de oitenta do séc. XX, confirmámos essa cronologia, nomeadamente com a identificação de um fragmento decorado com incisões pós-cozedura de “tipo Baiões”, entre outros (Vilaça, 1990: 111 e est. VII-175). Não são conhecidos quaisquer artefactos de bronze dessa época. Apenas foi recolhido um machado plano de cobre (Correia, 1943) que deverá ser articulado com a utilização calcolítica, ou do Bronze Inicial, de um dos abrigos.<sup>7</sup>

Este sítio não pode, pois, ser esquecido, tal como um outro, mas já de inícios da Idade do Ferro (séc. VIII-VII a.C.). Trata-se da Gruta de Medronhal (Arrifana) onde, em 1944 e 1945, foram recolhidos, quando se cortava rocha para mó, 36 artefactos de bronze (argolas, braceletes e fíbula de dupla mola), bem como ossos humanos e de animais (Gaspar, 1983: 227; Vilaça, 2008: 82, 85). Todo este acervo<sup>8</sup> encontra-se actualmente em fase final de estudo por parte da autora conjuntamente com outros colegas. Tudo indica que se tratará de um contexto funerário de deposição de restos humanos, onde os animais terão assumido importante função de carácter ritual, tal como a criteriosa selecção de artefactos metálicos, maioritariamente objectos de adorno. Com efeito, e em sintonia com o que se conhece das práticas funerárias da época, onde aliás são normalmente poucos os artefactos metálicos, é aquela categoria de objectos, e não as armas, por exemplo, que se encontra.

<sup>6</sup> Análise (PA 204410) realizada com equipamento METOREX X-MET 920MP dotado com detector de Si(Li) e fonte de Americio 241 e com equipamento portátil INNOV-X com tubo de raios-X, do Museu Arqueológico Nacional de Madrid, sob responsabilidade de Carlo Bottaini e de Ignacio Montero-Ruiz, a quem agradecemos.

<sup>7</sup> Ignoram-se as circunstâncias precisas de achado. Apenas se sabe que foi recolhido numa das pedreiras de Eira Pedrinha (Correia, 1943:130). A peça deu entrada no Museu Machado de Castro em Novembro de 1938, conforme confirmámos no respectivo “Livro de Entradas” (n.º 4, p. 114, com indicação de medidas e pequeno esboço), mas não foi possível localizá-lo (Vilaça, 1988: 17 e nota 10). Todavia, foi estudado por Monteagudo (1977: 56 e Tafel 16).

<sup>8</sup> Foi ocasionalmente identificado pela autora no Museu de Antropologia da Universidade de Coimbra.

Voltando ao início deste capítulo, a proximidade geográfica de Medronhal relativamente a Conimbriga e a contemporaneidade dos dois sítios na transição do Bronze para o Ferro, exige igualmente atenção futura mais circunstanciada, agora já não no quadro das problemáticas dos modelos de hierarquização do povoamento, mas no âmbito das questões povoado / necrópole / depósito ritual. Não queremos com isto dizer de forma plenamente afirmativa que o Medronhal encarna estes últimos relativamente ao povoado de Conimbriga, mas alguma relação espaço-temporal terá existido entre ambos, ou seja, ambos integraram uma mesma rede de povoamento.

### 3.2. Concelho de Penela

Na área actualmente ocupada por este concelho são em número mais limitado os achados metálicos atribuíveis à Idade do Bronze, mas todos eles, três em concreto — duas pontas de lança de bronze e um colar de ouro —, bem interessantes, em si, e pelos respectivos contextos.

Uma das pontas de lança (Figura 5) foi casualmente recolhida, em 2001, pelo colectivo de grupos de espeleologia CIES-GPS-NEC-SAGA, na Gruta da Nascente do Algarinho, a cerca de 50 m da entrada, numa canaleta lateral existente ligeiramente acima do leito da cavidade (Pessoa, 2003). De acordo com este autor, apresenta folha estreita e longa, com nervura longitudinal larga, não revelando vestígios de uso. O alvado é cónico e profundo com dois orifícios para fixação do cabo, atingindo 23 cm de comprimento e o peso de 246,86 g.

A realização de análises elementares (Espectrometria de Fluorescência de Raios X e Micro-Fluorescência de Raios X) e microestruturais (Microscopia Óptica) revelou tratar-se de um bronze binário (liga de cobre e estanho) com impurezas, onde a média do teor de estanho é de 11%, admitindo-se uma produção local (Figueiredo *et al.*, 2011). Tal como os autores referem, são resultados que se inserem perfeitamente no que se conhece sobre as composições dos bronzes da região das Beiras, aspecto que já abordámos a propósito do “tranchet”.

Ignoram-se as circunstâncias da sua localização primária, já que terá vindo à superfície por arrastamento provocado pelo aumento dos caudais registados em 2001 (Pessoa, 2003). Mas um contexto em gruta, em ambiente ctónico, i.e. num lugar natural (Bradley, 2000), aqui duplamente reforçado pela presença também da água e, concretamente, num sítio relacionado com nascente, são elementos convergentes no sentido de uma atribuição de carácter ritual à deposição desta lança (Vilaça, 2007: 45-46). Aliás, o facto de não revelar quaisquer vestígios de uso, reforça essa hipótese. Mas o achado, já posterior ao da lança, de três crânios humanos (um adulto masculino e dois femininos, um destes com possível trepanação) e de um fémur no interior da gruta (Cunha, 2008)<sup>9</sup>, alerta para a possibilidade de se tratar, caso fosse confirmada a contemporaneidade de todos esses elementos<sup>10</sup>, de eventual contexto funerário-ritual.

Seja como for, a comprovada utilização da gruta no Bronze Final deve ser valorizada em articulação com o sítio de *habitat* que lhe fica próximo, a c. de 1100 m a norte, o Castro de Tombadouro, sugestivo topónimo (Figura 4). Parcialmente muralhado, sobranceiro ao rio Dueça e dominando em termos visuais todo o arco definido de nordeste a sudeste, mas não a zona onde a gruta se situa, deverá ter correspondido a importante povoado. Todavia, pouco se lhe conhece. Além das muralhas, de cronologia imprecisa, pequena lasca de sílex, alguns fragmentos cerâmicos entre os quais se contam tipos característicos daquela época, ainda inéditos (por ex. taças de carena simples e de carena com mamilo perfurado), e pouco mais (Vilaça, 2008, nota 9)<sup>11</sup>.

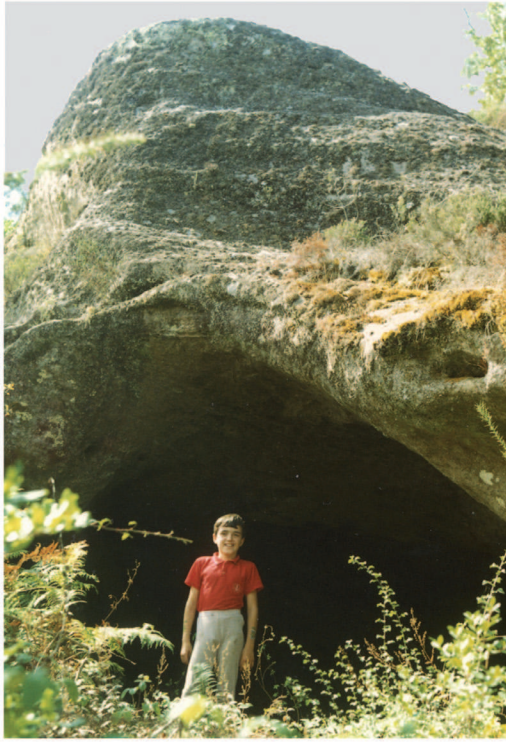
Na escuridão permanece o que verdadeiramente importa, a matriz comportamental dos seus habitantes, que, mais uma vez, escavações ajudariam a conhecer.

Cerca de 100 anos antes, em 1904, foi encontrada outra ponta de lança nas Vendas das Figueiras (Cumieira) (Figura 6), conforme registo do livro de entradas (Julho 1910/3072) do Museu Nacional de

<sup>9</sup>Agradecemos à Prof.ª Eugénia Cunha a cedência do relatório sobre o estudo antropológico que coordenou.

<sup>10</sup>A gruta também proporcionou material possivelmente do Neolítico, em concreto lamela de sílex com truncatura oblíqua e retoques marginais, recolhida junto da sondagem 2, que aí realizámos em 1999 (Relatório policopiado, inédito).

<sup>11</sup>Agradecemos ao Dr. Miguel Pessoa a cedência dos desenhos onde pudemos observar esses elementos



7



8



11



9 a



9 b



10



12

Figura 7. Lapa do Moirão (Vale Melhorado, Penela).

Figura 8. "Argola de Penela".

Figura 9a e 9b. Um dos espetos de Marzueira (Alvaiázere), com pormenor do punho, onde se observa base articulada e ornamentação aviforme no punho.

Figura 10. O lugar de Marzueira visto a partir do castro de Alvaiázere.

Figura 11. Machado dos "Penedos Altos" (Alvaiázere).

Figura 12. Formações cársicas dos "Penedos Altos" (Alvaiázere).

Arqueologia, onde se encontra. É pena que, na altura, não tenha sido possível aprofundar as circunstâncias deste achado, ao que tudo indica relacionado com um contexto funerário, embora de natureza pouco precisa. Seja como for, convém relativizar a informação de que foi encontrada isoladamente (Coffyn, 1985: 34).

De facto, quer *O Século* de 1 de Março de 1906, quer o *Diário de Notícias* de 8 do mesmo mês e ano noticiam escavações realizadas na proximidade das “Vendas dos Figueiras” onde se encontraram “umas ossadas debaixo d’umas lages de cantaria”, “algumas têm forma rectangular, medindo 1,50 x 0,80 m e outras vêem-se quase todas enterradas” e “pequenos utensílios tais como pontas de lança”. A ponta de lança, oferecida pelo Sr. Manuel Fernandes Júnior, do Avelar, teria sido achada “junto de umas lages por cima das que constituíram a sepultura a que se refere *O Século*...” (Vasconcelos, 1913: 139). As notícias informam ainda que “uma romaria de povo das vizinhanças tem ido ver as escavações feitas, que foram interrompidas por impedimento do dono da propriedade”.

Por outro lado, ao norte da Venda das Figueiras terá existido um dólmen no “A-do-Laço”, entre S. Paulo e Câneve, ao qual se atribuiu o achado de uma “lança de cobre... e de um alfinete do mesmo metal” (Jarnaut, 1915: 81-82). Este autor localiza o outeiro do Laço na encosta sueste do Castelo do Sobral (S. Miguel) e refere também a existência de sepulturas próximas que forneceram “objectos grosseiros de barro”.

Todas estas informações são de bastante interesse, embora algo dissonantes. É inequívoca a existência de um contexto funerário tendo em conta as ossadas. Mais dúbio são o(s) tipo(s) — só um dólmen, ou também outras sepulturas? — e a sua associação directa à lança e a outros materiais. Também parece ser certa a existência de um povoado muralhado no Castelo do Sobral (S. Miguel), sobranceiro ao Dueça e situado um pouco a norte de Vendas das Figueiras, onde, em inícios dos anos noventa do século passado, se recolheram fragmentos cerâmicos de fabrico manual (Silva e Salgueiro, 1991: 121-129). Face a todas

estas pistas, não será de afastar a hipótese da existência de uma dupla de povoado e espaço funerário. Afigura-se-nos situação ainda com alguma potencialidade de ser melhor conhecida (malgrado o massacre de pedreiras), tendo até em conta a notícia de *O Século*, de que os trabalhos terão sido interrompidos. Talvez atenção particular sobre a zona pudesse ajudar em alguma coisa e complementar informação tão interessante quanto difusa.

A ponta de lança, estudada por Marisa Ruiz-Gálvez (1984: 168, 242 e fig. 4-3) é de alvado profundo com duas perfurações para rebites. Possui lâmina em “forma de trevo” muito larga na parte média, estreitando-se bruscamente, tomando a ponta forma ogival. Os gumes apresentam-se irregulares e a ponta foi cortada e posteriormente limada<sup>12</sup>. Tem de comprimento 20,7 cm e a largura máxima de 0,49 cm. Os especialistas integram esta lança no “tipo de aletas inflectidas”, tal como uma das de Monte da Penha (Guimarães), onde encontra o paralelo mais próximo, e atribuem-no aos inícios do Bronze Final.

Tal como o achado da Gruta da Nascente do Algarinho deve ser valorizado em articulação com o povoado coevo do Castro de Tombadouro, a lança (e demais elementos) de Vendas das Figueiras não deverá ser entendida sem ter presente a hipótese, que interessaria ver confirmada, de a ocupação do Castelo do Sobral remontar à Idade do Bronze<sup>13</sup>.

Finalmente, e testemunhando notável capacidade de acumulação de riqueza, pela matéria-prima (ouro), pelo fabrico (maciço), pelo peso (1950 g) (Oliveira, 1884: 192), a designada “argola de Penela” (Figura 8) corresponde a uma das mais importantes peças de ourivesaria arcaica do território português, como aliás dão conta inúmeros trabalhos que se lhe referem.

O achado remonta a Outubro (ou Março, conforme as fontes) de 1883 e resultou de inocente brincadeira de pastora, Augusta de Jesus, de sete (ou treze anos, consoante as fontes), que se entretinha a esgravatar a terra, junto à Lapa do Moirão, sobranceira ao Vale do Melhorado (S. Miguel). Infelizmente, mas não

<sup>12</sup>Agradecemos esta informação à Dr.ª Ana Melo, bem como a cedência do desenho aqui publicado, da autoria da Sr.ª D. Helena Figueiredo (MNA).

<sup>13</sup>A base de dados Endovelico (CNS-16848) também o refere como castro da Idade do Ferro onde apareceram fragmentos de sílex e de cerâmica; ameaçado pela pedreira Britaltos.

surpreendentemente, e tal como tantas outras peças auríferas, desconhecemos hoje o seu paradeiro, uma vez que foi roubada, em Outubro de 1910, do Palácio das Necessidades onde se encontrava integrando a colecção do rei D. Fernando, que a adquirira por um conto e quinhentos mil reis (ou dois contos de reis, segundo as fontes existentes).

Como se vê, as informações nem sempre coincidem, mas resta-nos estudo e imagem publicada por Possidónio da Silva (1883) a partir de fotografia de José Maria dos Santos, onde faz minuciosa descrição e a atribui, correctamente, ao final da Idade do Bronze. Logo depois, Martins Sarmiento valorizará a peça, defendendo que “saiu duma fábrica indígena”, embora sem lhe atribuir cronologia precisa (Sarmiento, 1933: 287).

Quer a forma e decoração incisa, quer o fabrico, estão hoje perfeitamente estudados, inserindo-se no que se designa de “tipo Sagrajas-Berzocana” caracterizado pela existência de colares anulares maciços obtidos por deformação plástica, abertos, ou por vezes com fecho e de maior espessura na parte central (como é o caso), com decoração incisa geométrica (como também se verifica). Sublinham ainda aqueles autores a reduzida dimensão do diâmetro da argola (pouco mais de 10 cm) para ser utilizada como torque ou colar, aspecto que hoje tem sido interpretado por diversos investigadores (v. g. Ruiz-Gálvez, 1995: 54) pela eventual conotação feminina da jóia, nomeadamente como correspondendo a dote de mulher de elevado estatuto social.

Jóias deste tipo aparecem normalmente isoladas ou formando pequenos conjuntos de dois ou três exemplares. Neste caso deve ser valorizado o seu contexto natural de achado, i.e. numa gruta ou lapa inserta nos conglomerados da “Formação de Castelo Viegas”, com pouco mais de 3m<sup>2</sup> e 2m de altura na zona da entrada (Figura 7), esta aberta para o fértil vale da Ribeira de Vale Melhorado, subsidiária do Corvo. Note-se que a lapa passa despercebida quando se percorre a encosta sobranceira ao vale, só

sendo visível precisamente das margens junto à ribeira. Portanto, também aqui a deposição desta peça não terá sido aleatória, mas em local intencionalmente escolhido, talvez conjugando o valor ritual das águas, que correm perto, com a protecção das rochas, elas próprias ocultas.

### 3.3. Concelho da Lousã

Os dados antes referidos deixam transparecer a importância da bacia do Corvo, concretamente da sua margem esquerda, no que respeita a ocupação de finais da Idade do Bronze. Na outra margem, e numa vasta área em parte pertencente à zona mais montanhosa do concelho de Miranda do Corvo, quase nada se conhece<sup>14</sup> desse período, o que não significa que não exista.

E não fora a temática do Colóquio que esteve na origem deste livro, deixaríamos “cair” o interessantíssimo registo já em terras do vizinho concelho da Lousã, manifestamente periférico à área em que centramos a nossa atenção. Trata-se de um machado de talão e dois anéis (ambos fragmentados) proveniente do sítio da Barca (Foz de Arouce)<sup>15</sup>, local ribeirinho na margem direita do rio Ceira, compreendido entre a ponte principal da freguesia e a foz do rio Arouce, portanto, em zona liminar onde se reúnem os leitos dos dois rios (Vilaça e Lima, 2006).

Apresenta-se em mau estado de conservação, com múltiplos pontos de corrosão, tendo o talão fixado à lâmina com parafuso e vestígios de cola. O intenso desgaste longitudinal daquela, em ambas as faces, poderá ter eliminado eventual nervura central. Atinge o comprimento de 21 cm e o peso de 405 g (Vilaça e Lima, 2006: 361). O tipo de machado é genuinamente ibérico, com enorme expressão peninsular, em particular na área mais ocidental (Coffyn, 1985: 219).

Tendo em conta as peculiares circunstâncias do seu local de proveniência, tivemos já ocasião de valorizar este machado na problemática das deposições votivas relacionadas com lugares naturais — neste

<sup>14</sup>Exceptua-se a necrópole de Penedinho Branco (Vila Nova), comprovando que mesmo a zona serrana também era frequentada pelo menos desde a Idade do Bronze (Caninas *et al.*, neste volume).

<sup>15</sup>Pertence ao Museu Municipal da Lousã onde existem outros artefactos de bronze da mesma época de proveniência não identificada. A hipótese de constituírem um único conjunto, conforme chegámos a formular (Vilaça e Lima, 2006), deve ser hoje afastada pela informação entretanto recebida do Arq.<sup>o</sup> Mário Varela Gomes, que muito agradecemos, de que quatro delas são da Pampilhosa da Serra.

caso um lugar também de fronteira em meio aquático —, características da época. Tudo aponta no sentido de se tratar de um “depósito de margem” ilustrando a importância de determinados pontos estratégicos de passagem entre as margens dos rios ou onde se misturam diferentes águas (Vilaça e Lima, 2006: 21; Vilaça, 2007: 51, 55). Conhecem-se no território português vários outros exemplos de deposições feitas em situação similar, igualmente com predomínio de machados, que também poderiam evocar prática cultural de ofertas a divindades aquáticas (Vilaça, 2007: 58).

### 3.4. Concelho de Ansião

As terras deste concelho têm sido recorrentemente percorridas com vista à identificação de sítios arqueológicos (Coutinho, 1997). Todavia, a Idade do Bronze não tem revelado grande informação, que se limita, com segurança, a dois registos.

Um corresponde ao machado de bronze plano, de forma sub-rectangular, recolhido em surribas realizadas na Anaca, próximo da Lagoa (Coutinho, 1997: 59-60 e fot. 31). Outros materiais mencionados por este investigador, mas que não foi possível observar, poderão sugerir existência de um *habitat* do Bronze Inicial ou Médio, mas é assunto que se mantém em aberto.

O outro é o importante povoado de Monte Figueiró ou de Trás de Figueiró (Alvorge), com uma longa diacronia de ocupação, o qual forneceu alguns elementos seguros recolhidos em prospecções realizadas em distintos momentos e que apontam para o seu início pelo menos a partir do Bronze Final. Embora permaneçam por estudar, alguns dos dados relativos às ocupações da Idade do Ferro e época romana foram compilados em trabalho escolar, no qual se incluem também três registos daquela época: um fragmento de lâmina de espada e dois escopros (Coutinho, 1999: 29). A revisão de parte dos materiais desta estação permitiu-nos identificar mais alguns que convergem para a mesma época, nomeadamente um fragmento de foice de “tipo Rocanes”, um fragmento de gume de machado e várias argolas<sup>16</sup>.

Corresponde a mais um caso, de entre os vários mencionados neste pequeno trabalho de sistematização, que se revela de muito interesse, merecendo estudo aprofundado nos seus contextos local e regional. É admissível que, na época, o Monte Figueiró irmanasse em importância com Conimbriga, perdendo-a depois quando este, mais perto do porto fenício, se afirmou (Vilaça, 2008: 84; Vilaça e Cunha-Ribeiro, 2008: 42).

Quer a sua situação privilegiada, dominando simultaneamente vasta planície com percursos também ancestrais e as serras periféricas, como a do Rabaçal, quer a existência de alguns outros indícios dispersos e só aparentemente isolados, como o machadinho de alvado e duplo anel de “tipo 41 G de Monteagudo” proveniente de Lourais/Vale Centeio (Pombalinho, Soure) (Monteagudo, 1977: 248 e Tafel 118; Vilaça, 2008: 80 e fig. 4-1), são justificativos para não se perder de vista, nem Monte Figueiró, nem esta região estratégica que liga o Alto Nabão ao Baixo Mondego.

### 3.5. Concelho de Alvaiázere

No limite meridional da região que analisamos conhece-se uma interessantíssima concentração de achados metálicos atribuíveis ao Bronze Final, que toma como pólo estruturante o Castro da Serra de Alvaiázere. Não dissecaremos aqui a situação, de resto já aflorada (Vilaça, 2008), quer por limitação de espaço, quer porque em breve o tencionamos fazer, remetendo para aí os leitores interessados<sup>17</sup>. Mas vejamos, brevemente, o que de mais significativo se conhece.

O castro, situado no topo da serra epónima, é conhecido de há muito, mas só escavações realizadas em anos mais recentes por Paulo Félix confirmaram efectiva ocupação do Bronze Final e Ferro Inicial (Félix, 2006, entre outros).

É que boa parte daqueles achados tem proveniência, de facto, distinta, não obstante a generalização que deles se tem feito atribuindo-os a Alvaiázere (ou às serras de Alvaiázere). Infelizmente, não é possível determinar com rigor a sua proveniência por

<sup>16</sup>Materiais que nos foram confiados para estudo.

<sup>17</sup>Comunicação apresentada no 1.º Congresso de História e Património da Alta Estremadura, realizado em Ourém a 29 e 30 de Outubro de 2011.



13



14



15

Figura 13. A Serra do Castelo (Serra dos Carrascos?) observada a partir da Serra da Ovelha (Ansião). Em último plano, a Serra de Alvaiázere.  
Figura 14. Machado da Serra dos Carrascos (Alvaiázere/Ansião).  
Figura 15. Punhal de Alvaiázere.



corresponderem a achados muito antigos, mas em alguns casos há informação que permite maior precisão e, principalmente, revela não um, mas diversos sítios arqueológicos.

Nas redondezas do castro, imediatas ou mais afastadas, diversos achados metálicos, singulares e formando conjuntos, decerto com significados específicos, foram encontrados em distintos momentos e circunstâncias. Tal situação, reconhecível em outras regiões do território português, levou-nos a designá-los como “depósitos periféricos” (Vilaça, 2007: 63), isto é, correlacionáveis com um sítio principal enquanto nó polarizador e construtor de sociabilidade.

Tal parece ser o caso do achado conjunto, em 1924, de três espetos articulados, vulgarmente atribuídos a Alvaiázere, mas provenientes de Marzigueira (Maçãs do Caminho), na vertente norte da serra (Figura 9a e 9b). O lugar não só é fisicamente distinto daquele onde se encontra o povoado, como o é igualmente em termos topográficos: o primeiro, cumeiro, domina o segundo, no seu sopé, junto a nascente (Figura 10).

Mais uma vez, deparamo-nos com a proximidade de deposições metálicas à água, configurando cenário de carácter ritual e, neste caso, atendendo também à natureza das peças — distintas alfaias rituais de comensalidade<sup>18</sup> —, aos seus particulares atributos iconográficos (duplo pássaro) e ao número repetitivo de três. E naturalmente que também não será irrelevante a situação em zona de passagem natural. Pouco mais se sabe. As respectivas fichas de entrada no Museu Nacional de Arqueologia indicam “vestígios de enterramento”, mas tal não deverá ser entendido necessariamente como lugar de sepultura. Bem conservados (um completo e os outros quase completos), constituem-se como um dos mais notáveis conjuntos do tipo no espaço peninsular e mesmo europeu, foram dados a conhecer por Almagro Gorbea (1974).

Antes de os espetos terem sido encontrados, já

Santos Rocha publicara dois machados unifaciais de talão e uma argola, um encontrado na Serra dos Carrascos (Figura 14) entre umas pedras, quando se abria um fosso para o fabrico de carvão, o outro (Figura 11) na fenda de uma rocha, junto aos Penedos Altos (Rocha, 1904).

Se estes, conhecidos popularmente como “Portas de Alvaiázere”, estão bem identificados (Fig. 12), já à Serra dos Carrascos tem sido atribuída localização desconhecida (Coffyn, 1985: 393). Todavia, informações orais apontaram-na para o designado “Monte da Ovelha” (Pousaflores, Ansião), uma das serras que se desenvolvem a norte de Marzigueira (Silva e Luís, 1995: 87), mas não excluimos a possibilidade de corresponder à Serra do Castelo (Pousaflores) (Fig. 13), que lhe fica imediatamente a sul e onde existe um castro talvez já ocupado no Bronze Final (Coutinho, 1986: 163-165). A confirmar-se, o machado estaria assim relacionado com o povoado<sup>19</sup>.

De lugar não localizado (ou localizável) de Alvaiázere, mas próximo dos Penedos Altos (Rocha, 1904: 13), provém o punhal de “tipo Porto de Mós” (Figura 15), inicialmente publicado como espada, cuja ponta, fracturada, havia já condicionado Santos Rocha a considerá-lo pertença de algum esconderijo por estar inutilizado e não espólio de sepultura como informara o achador (Rocha, 1899-1903: 135).

Há ainda referência a um outro achado metálico, concretamente um escopro, nas Carrasqueiras (Pussos/Alvaiázere). Embora vago (“ouvi dizer”), Leite de Vasconcelos, o autor da notícia, refere que o mesmo teria aparecido “debaixo de umas lajes naturais juntamente com machados do mesmo metal” (Vasconcelos, 1917: 145). Não é, assim, de afastar a hipótese de o escopro fazer parte de um depósito conjuntamente com machados.

Tal como na Marzigueira, também os Penedos Altos, mas num outro registo — o do poder das rochas em termos visuais e impressionantes —, deve ser valorizado (Figura 12). Trata-se de um peculiar “lugar

<sup>18</sup> Crê-se que esta categoria de objectos serviria em cerimónias de índole ritual para assar bocados de carne.

<sup>19</sup> Não nos parece ser possível determinar com precisão a localização da Serra dos Carrascos, de resto recorrentemente referida por Costa Simões (2003 [1860]) que, numa das passagens, diz: “A Serra dos Carrascos que dá assento a grande parte do [então] concelho de Chão de Couce, estende-se a muita distância, dum e doutro lado, na direcção de norte a sul” (p. 35). De facto, comparando a toponímia indicada nesta obra com a que a actual “Carta Militar de Portugal”, esc. 1.25.000, regista, verifica-se o desaparecimento de uma série de topónimos, nomeadamente o da “Serra dos Carrascos”, designação que talvez em meados do séc. XIX identificasse globalmente a sucessão de serras, desde a do Mouro à dos Ariques, a norte da de Alvaiázere.

natural” correspondente a espectacular acidente topográfico, que foi sacralizado pela ocultação de um machado (Vilaça, 2007: 43-44; 2008: 85-86).

Outras deposições de bronzes nas proximidades, como o punhal, são admissíveis. Por outro lado, a relação próxima entre os Penedos Altos e o Castelo de Sobral Chão (Pelma), identificado por Aquino (1986: 39) como povoado muralhado com ocupação da Idade do Ferro (recuando ao Bronze Final?), que lhe fica a NW, permite-nos equacionar a existência, no vasto território de Alvaiázere, de distintos complexos de povoados/depósitos numa escala hierárquica tendo por vértice o Castro de Alvaiázere. Da sua especial importância dão conta a localização topográfica privilegiada, a extensa área, as estruturas e materiais revelados pelas escavações, a que se deverá juntar<sup>20</sup> provável “argolão de ouro” achado quando se lavrava (Figueiredo, 1895: 317). Todavia, há que relevar o nosso real desconhecimento, porque nunca escavados, dos outros povoados vizinhos, como os da Serra do Mouro (Chão de Couce), Serra do Castelo (Pousaflores), Castelo de Sobral Chão (Pelma).

#### 4. Por montes e vales

Como deixámos antever, todos estes achados metálicos da região de Alvaiázere — como todos os outros analisados neste trabalho — não poderão ser compreendidos sem se atender aos sítios onde viviam as comunidades que os manipularam, ou seja, a arqueologia das deposições metálicas só poderá ser inteligível atendendo à arqueologia do povoamento numa lógica integradora de complementaridade entre sítios. Mas enquanto aqueles não forem conhecidos, i.e. não só localizados como bem caracterizados em termos ocupacionais e vivenciais — só possível com estudos de micro-escala que escavações proporcionariam —, estas terras que a “Estrada Coimbrã” também ajudou a moldar, continuarão, tão-só, pontuadas por achados dispersos que o tempo e o acaso se têm encarregado de revelar.

Tomámo-la como base de referência na sistematização dos achados metálicos da Idade do Bronze (Figura 1). Na sua rota definiam-se dois percursos principais que, partindo de Coimbra, se

voltavam a reunir por alturas de Pereiro, a sul da Ribeira da Murta antes de atingir Tomar (Daveau, 1988).

Na área sobre a qual nos debruçámos verifica-se assinalável proximidade, ou mesmo coincidência, entre esses percursos e os dados arqueológicos metálicos conhecidos. É também possível correlacionar, directa ou indirectamente, grande parte desses materiais com sítios de *habitat*. Em alguns casos existe ainda informação credível para os integrar em contextos de índole funerária e cultural. Ao mesmo tempo, é possível valorizar determinados lugares simbolicamente conectados com materialidades metálicas depositadas e ocultas, com valor social, sejam eles grutas, nascentes, margens de rios, encruzilhadas ou penedias. São lugares de referência física e / ou simbólica, portanto elementos participantes na construção de sociabilidades.

Um dos percursos acompanhava o estreito e direito corredor definido pelas serranias calcárias a poente e as xistosas a nascente, pela designada “depressão marginal”. Na Idade do Bronze parece ter assumido especial destaque a margem esquerda do Alto e Médio Corvo, concretamente na região de Penela.

O outro, mais sinuoso e acidentado no seu troço terminal, trepava às serras de Ansião e Alvaiázere depois de ter percorrido a depressão do Rabaçal. Sem dúvida que, mesmo atendendo à aleatoriedade dos dados, o “complexo de Alvaiázere”, assim o podemos designar, deverá ter desempenhado papel capital desde logo pela densidade da informação. Os demais elementos sucedem-se acompanhando o vale do Rio de Mouros, inflectindo, no limite norte, em direcção a Coimbra. Da Coimbra da Idade do Bronze (quase) nada se conhece, já que mesmo o colar de ouro que lhe é atribuído, adquirido em 1903 num antiquário, tem proveniência nebulosa (Armbruster e Parreira, 1993: 72-73; Vilaça, 2008: 79-80).

Tendo em conta a concentração e quantidade de achados, diversos investigadores têm sublinhado a importância da Estremadura como plataforma de trocas de média e longa distância na Idade do Bronze, particularmente no seu final. A Beira Litoral, a sul do

<sup>20</sup> Com as devidas reservas, já que nem o seu achado é seguro, nem conhecida a cronologia.

Mondego, deve ser integrada nesse mesmo fenómeno cultural. Constituindo-se como região de contactos, é natural que os mesmos tenham trilhado, repetidamente, as mesmas rotas, algumas de sobrevivência milenar, como tentámos aqui demonstrar.

De algum modo, podemos dizer que a velha “Estrada Coimbrã” é tão velha quanto o povoamento das terras que atravessava, iluminada neste texto pelo “brilho” dos metais.

Agradecemos ao Dr. José Luís Madeira (FLUC) a colaboração no tratamento gráfico das imagens.

Coimbra, Verão de 2011

## Bibliografia

Alarcão, J. (1999) — Conimbriga. O Chão escutado, Lisboa, Edicarte.

Almagro Gorbea, M. (1974) — Los asadores de bronce del suroeste peninsular, *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museus*, 77, p. 351-395.

Aquino, P. (1986) — Subsídios para o estudo da carta arqueológica do concelho de Alvaiázere, Coimbra, Instituto de Arqueologia (policopiado).

Armbruster, B. & Parreira, R. (coord.) (1993) — Catálogo. Coleção de Ourivesaria, 1.º volume. Do Calcolítico à Idade do Bronze, Lisboa, Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia.

Arruda, A. M. (1988-89) — Conimbriga: escavações de 1988-89, *Portugália*, NS, IX-X, p. 93-100.

Bradley, R. (2000) — *An Archaeology of Natural Places*, London, Routledge.

Caninas, J. *et al.* (neste volume) — Descobertas arqueológicas na Serra de Vila Nova. O caso da mamoa do Penedinho Branco.

Coffyn, A. (1978) — Une faucille de l'âge du Bronze à Conimbriga, *Revista de Guimarães*, LXXXIII, p. 365-369.

Coffyn, A. (1985) — Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique, Paris, Diffusion de Boccard, Publ. Centre Pierre Paris, 11, col. Maison Pays Ibériques, 20.

Corrêa, A. M. & Teixeira, C. (1949) — A jazida pré-histórica de Eira Pedrinha (Condeixa), Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.

Correia, V. (1943) — O Neo-Eneolítico de Eira Pedrinha, *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências - Quarto Congresso*, tomo VIII, Porto, p. 130-131.

Correia, V. H. (1993) — Os materiais pré-romanos de Conimbriga e a presença fenícia no Baixo vale do Mondego, *Estudos Orientais [Os Fenícios no Território Português]*, Lisboa, IV, p. 229-283.

Coutinho, J. E. R. (1986) — Ansião. Perspectiva global da Arqueologia, História e Arte da vila e do concelho, Coimbra.

Coutinho, J. E. R. (1997) — Estações Arqueológicas em Ansião, Coimbra, Instituto de Arqueologia (policopiado).

Coutinho, J. E. R. (1999) — Idade do Ferro e Romanização no Monte Figueiró: perspectivas e problemas existentes, Coimbra, Instituto de Arqueologia (policopiado).

Cunha, E. (coord.) (2008) — Intervenção de Antropologia Biológica: Gruta do Algarinho (Santa Eufémia, Penela, Coimbra), Coimbra (relatório policopiado).

Daveau, S. (1988) — A Estrada Coimbrã. O traçado pela serra de Ancião, *Estudos e Ensaios em Homenagem a Vitorino Magalhães Godinho*, Lisboa, Sá da Costa, p. 451-461.

Félix, P. (2006) — O final da Idade do Bronze e os inícios da Idade do Ferro no Ribatejo Norte (Centro de Portugal): uma breve síntese dos dados arqueográficos, *Conimbriga*, XL, p. 65-92.

Figueiredo, A. M. (1895) — Informações archeológicas colhidas no “Diccionario Geographico” de Cardoso, *O Archeologo Português*, I, p. 316-320.

Figueiredo, E. *et al.* (2011) — A ponta de lança da Gruta da Nascente do Algarinho (Penela) no contexto da metalurgia do Bronze Final, *Actas do Encontro Internacional sobre Ciências e novas Tecnologias Aplicadas à Arqueologia na villa romana do Rabaçal*, Penela, Terras de Sicó, Portugal, Câmara Municipal de Penela, p. 41-49.

Gaspar, J. M. (1983) — Condeixa-a-Nova de Augusto dos Santos Conceição, Porto.

Jarnaut (1915), *Monografia do Município Penelense*, Penela, Ed. João Pedro A.

- Leal, R. & Pires, C. (2011) — O tranchet do Alto do Castelo, Eira Pedrinha (Condeixa-a-Nova), “poster” apresentado nas II Jornadas de Pré e Proto-história da FLUC, Coimbra.
- Marques, G. & Andrade, G. M. (1974) — Aspectos da Proto-história do território português, Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia, I, Porto, p. 125-148.
- Monteagudo, L. (1977) — Die Beile auf der Iberischen Halbinsel. München, C.H.Beck'sche Verlagsbuchhandlung (Prähistorische Bronzefunde IX; Band 6).
- Oliveira, D. (1884) — Noticias de Penella. Apontamentos históricos e archeologicos, Lisboa, Casa Minerva.
- Pereira, M. A. H. (1971) — O esconderijo do bronze final de Coles de Samuel (Soure), Arqueologia e História, 9.ª série, III, p. 165-174.
- Pessoa, M. (2003) — Uma ponta de lança do Bronze Final, Actas do IV Congresso Nacional de Espeleologia (NEL/FPE), Leiria, p. 124-127.
- Rocha, A. S. (1899-1903) — Vestígio da epocha do bronze em Alvaiázere, Portugália, t. I (1-4), p. 135-136.
- Rocha, A. S. (1904) — Materiaes para o estudo da Idade do Bronze em Portugal, Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha, t. I (1), Figueira da Foz, p. 13-14.
- Ruiz-Gálvez Priego, M. (1984) — La Península Ibérica y sus Relaciones con el Círculo Cultural Atlántico, Madrid, Universidad Complutense (tese de doutoramento policopiada).
- Ruiz-Gálvez Priego, M. (1995) — From gift to commodity: the changing meaning of precious metals in the Late Prehistory of the Iberian Peninsula, in Morteani, G. & Northover, J. P. (eds.), Prehistoric Gold in Europe, NATO. ASI series, p. 45-63.
- Sarmiento, F.M. (1933) — A argola encontrada em Penela, Dispersos, Coimbra, Imprensa da Universidade, p. 282-287.
- Simões, A. A. C. (2003) — Topografia Médica das Cinco Vilas e Arega, Minerva, Coimbra [edição fac-similada, Imprensa da Universidade, 1860].
- Silva, J.P. (1883) — Grande argola de ouro achada em Portugal na província da Extremadura em 1883, Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, 2.ª série, IV, p. 62-63.
- Silva, M. O. & Salgueiro, P. (1991) — Levantamento Arqueológico do Concelho de Penela, Coimbra, Instituto de Arqueologia (policopiado).
- Silva, P. & Luís, L. (1995) — Localização de alguns objectos de bronze provenientes do concelho de Alvaiázere, Munda, 30, p. 83-89.
- Vasconcelos, J. L. (1913) — Aquisições do Museu Etnológico Português, O Archeologo Português, XVIII, p. 131-168.
- Vasconcelos, J. L. (1917) — Coisas Velhas, O Archeologo Português, XXII, p. 107-169.
- Veiga, S. E. (1891) — Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos, IV, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Vilaça, R. (1988) — Subsídios para o estudo da Pré-História Recente do Baixo Mondego, Trabalhos de Arqueologia 05, Lisboa, IPPC.
- Vilaça, R. (1990) — Sondagem arqueológica no Covão d'Almeida (Eira Pedrinha, Condeixa-a-Nova), Antropologia Portuguesa, 8, p. 101-132.
- Vilaça, R. (2008) — No rasto do Bronze Final do Centro-sul da Beira Litoral: artefactos metálicos e seus contextos, in Callapez, P.M. et al. eds., A Terra: conflitos e ordem. Homenagem ao Professor Ferreira Soares, Coimbra, p. 75-88.
- Vilaça, R. (2009) — Sobre os tranchets do Bronze Final do Ocidente Peninsular, Portugália, Nova Série, XXIX-XXX, p. 61-84.
- Vilaça, R. & Lima, P. (2006) — A Idade do Bronze no Museu Municipal da Lousã Prof. Álvaro Viana de Lemos, Beira Alta, LXV, p. 351-375.
- Vilaça, R. & Cunha-Ribeiro, J. P. (2008) — Das primeiras ocupações humanas à chegada dos Romanos à Beira Litoral, In Vilaça & Cunha-Ribeiro (coords.), Das primeiras ocupações humanas à chegada dos Romanos à Beira Litoral / From the earliest human occupations to the Romans' arrival to the Beira Litoral [Territórios da Pré-história em Portugal, vol. 4], Tomar, Arkeos, 23, p. 11-105.